

## “O SÃO JOÃO DA MINHA MÃE”

Yvone Dias Avelino<sup>1</sup>

*“Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choram,  
Quantas filhas em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!  
Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.”  
(Fernando Pessoa)<sup>2</sup>*

### Resumo

Este artigo, resultado de uma apresentação feita no 49º Encontro Nacional de Estudos Rural e Urbano (CERU), apresenta as questões da memória e das tradições de imigrantes portugueses nos festejos dedicados a São João. Sou filha de imigrantes portugueses e busco trazer lembranças pontuais analisando a trajetória de meus pais que me ensinaram valores e o significado da vida na sua plenitude. Relembrando e memorizando tradições de além-mar que desde pequena aprendi a interpretar conviver e amar. Tudo sobre a festa de São João se passa em uma São Paulo cujas ruas dos bairros não tinham calçamento o que ajudava a fazer a fogueira e a alegria geral dos parentes, amigos e vizinhos. Nada faltava, nas comidas, na música, na dança, sorteios. Quentão, vinho quente etc.

**Palavras-Chave:** Imigrantes, Festa, Memória, Tradição, Cidade

### My mother's Saint John

### Abstract

This article, the result of a presentation made at the 49th National Meeting of Rural and Urban Studies (CERU), presents the issues of memory and traditions of Portuguese immigrants in celebrations dedicated to Saint John. I am the daughter of Portuguese immigrants and I seek to bring specific memories by analyzing the trajectory of my parents who taught me values and the meaning of life in its fullness. Remembering and memorizing traditions from overseas that I learned to live with and love since I was little. Everything about the São João festival took place in a São Paulo whose neighborhood streets were unpaved and helped to create bonfires and the general joy of relatives, friends, and neighbors. Nothing was missing, food, music, dancing, raffles. *Quentão*, mulled wine, etc.

**Key words:** Immigrants, Party, Memory, Tradition, City

---

<sup>1</sup> Professora titular do Departamento de História da PUC/SP, Coordenadora do Núcleo de Estudos Sociais (NEHSC) da PUC/SP e Editora Responsável da Revista Cordis.

<sup>2</sup> Poeta, escritor, dramaturgo, crítico literário e filósofo português.

Há milhares de anos, os homens, por razões as mais diversas, vêm se transformando de um país para outro ou de uma região para a outra. Esta atitude não ocorre de forma isolada, pois os envolvidos nesses deslocamentos buscavam novas oportunidades, por razões de sobrevivência, de trabalho, por razões político-ideológicas, climáticas, sociais, econômicas ou, até, por busca de conhecimentos variados. Essas ondas sucessivas de deslocamentos humanos voluntários modificaram rapidamente a demografia dos países.

Esse tema da imigração para o continente americano, especificamente o Brasil, pode ser abordado sob o prisma de enfoques diversificados. É frutífero neste universo analisá-lo de forma Macro buscando suas estruturas e razões do deslocamento na Europa, ou das raízes profundas transoceânicas, tão proveitosas e, em alguns aspectos, pouco estudadas.

Não deixa de ser também importante adotar um enfoque mais Micro, mais pontual, olhando e analisando a trajetória de famílias e sua localização em diferentes regiões. Todos esses movimentos sociais geraram problemas de difíceis soluções, como de adaptação (língua, tradições, trabalho, cultura, relações sociais etc.); além dessas questões havia ainda o enfrentamento das reações da comunidade local, que os rejeitavam socialmente pelos seus modos de vida originais. Isso não era juma prática pois a recíproca também existiu. Havia comunidades que aceitavam e encorajavam aqueles que chegavam por representarem o desenvolvimento, a sociabilidade e a melhoria da comunidade, na medida em que a intenção era a fixação.

A vasta produção em torno da imigração portuguesa para o Brasil tem sido objeto de avaliações, grandes sugestões e críticas que vêm enriquecendo a Historiografia contemporânea. Apresentam abordagens as mais diversas, que analisam aspectos múltiplos. Apenas mais recentemente a imigração portuguesa tem instigado os pesquisadores de várias áreas do conhecimento.

Sobre esse assunto, vou me deter não somente com olhar da historiadora atenta. Vou me atentar aos fatos históricos com o olhar da filha caçula e da admiradora desses imigrantes que me ensinaram valores e os significados da vida em sua plenitude.

Neste modesto artigo é o que ora faço, relembro e memorizando tradições de além-mar que desde pequena aprendi a interpretar, conviver e amar.

Meu pai João Dias nasceu na pequena aldeia de Vilar Formoso, fronteira com a Espanha, distrito da Guarda, na Beira Alta em Portugal.



**Figura 1 Frente da estação ferroviária de Vilar Formoso**

Corria o ano de 1893 quando seu choro preconizou um futuro de árduas lutas e grandes vitórias.

Quase menino, ou jovem, por ser o mais velho dos filhos, ajudou seus pais Antonio Dias e Assumpção da Rocha Dias e seus irmãos Antônia, Maria, Piedade e Manuel a sobreviverem na difícil lida cotidiana, com o pouco que ganhava no transporte de mercadorias da Espanha para Portugal. Era contrabandista? Claro que não.

Não posso denominá-lo assim porque apenas prestava serviços para uns poucos senhores da aldeia que o contratavam para um trabalho diário para esse fim, bem como a outros rapazes da sua idade. Arriscava a vida sob as balas de carabinas que os carabineiros despejavam para amedrontá-los, machucá-los ou mesmo matá-los, para inibir tal prática proibida.

Ainda bem novo, não para os padrões da época, conheceu o amor e, apesar das negativas do pai da amada que não aceitava esse sonho de jovens apaixonados, por ser João muito pobre, foi com ela que se casou aos vinte anos, contrariando a família da esposa Josepha Nunes, dois anos mais nova que ele. Não teve nesse ato tão importante de sua vida – o casamento – pois o teimoso sogro Manuel Nunes Henriques não compareceu nem permitiu que a esposa Consolação Antunes comparecesse e, muito menos, seus filhos – Maria Deolinda, Carmem, Elvira, Anunciação, Cândida, Beatriz e Antonio. Com toda esta vigilância paterna alguns irmãos fugiram e foram ao enlace e o bravo senhor, o mais rico da aldeia, nada ficou sabendo.

Ironias do destino, João, antes repellido passou a ser o mais amado dos genros deste rico senhor, que se curvou ao honesto cidadão, trabalhador, estudioso e incansável

chefe de família, vendo nesse gênero um admirável caráter, perfil de quem não se deixava abater pelas dificuldades da vida.

Nesse período, a propaganda imigratória para as Américas se fazia cada vez mais forte na Europa e no Brasil o crescimento do café se tornou o eixo econômico mais significativo, sobretudo na região sudeste. “Fazer a América” era o que queriam os que para cá vinham, desde a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas da recém-inaugurada república brasileira.

Nosso intrépido protagonista não pensou muito para entrar nessa empreitada. Juntamente com a esposa e uma filhinha de dezenove meses e, sob sua responsabilidade, dois irmãos menores dele e quatro irmãos menores dela. Andando a pé um grande trecho do caminho e de trem outro, enfrentando as agruras desconhecidas dessa parte da viagem, chegaram até Gibraltar, onde pegaram um navio cargueiro inglês, que os trouxe até o porto de Santos no Brasil.

Traziam no coração a dor da despedida, pois alguns deles nunca mais viram os pais, a esperança da incerteza de uma viagem rumo a novo continente e nos bolsos e na cabeça todas as tradições portuguesas as quais pretendiam instalar e com as quais queriam conviver ao atravessarem esse imenso ignoto oceano. Amor, paz, alegrias, confraternizações, festas familiares ou do povoado.

Não vou me deter na linda história desse casal, pois o tempo não me permite e a temática deste artigo se prende às festas de São João. Cabe apenas dizer que venceram e ele se tornou um grande empresário do ramo da sacaria no Estado de São Paulo.

Não deixaram de lado o que trouxeram nos bolsos e na cabeça, ou seja, o único conhecimento que tinham, as tradições da santa terrinha, objeto principal das reuniões em família, Natal, Páscoa, Carnaval, domingos sem uma data específica com almoços que se prolongavam até tarde da noite em um agradável bate papo que a memória ainda mantinha.

É inegável e importante que se afirme que as tradições portuguesas são o maior orgulho do país, são passadas ao turista que o visita, seja na gastronomia, na cultura, na religião ou nos hábitos cotidianos da população, principalmente as festas religiosas que acontecem nas pequeninas aldeias onde as raízes portuguesas espelham milhares de anos, desde o descobrimento do Brasil.

Portugal, como dizia o poeta Luiz de Camões, é o “jardim da Europa à beira mar plantado”, onde o mar salgado de Fernando Pessoa na brutalidade das suas ondas ou na mansidão dessas, tem muito para contar da sua história. É um país famoso por preservar

as suas tradições, mesclando o tradicional e o moderno na atual conjuntura, tanto na arte, na culinária e na cultura popular que aí se expressa de uma forma simples, mas cheia de significados.

O povo português cultiva o amor pelo vinho. Na sua paisagem as paineiras parecem falar do seu valor, um dos aspectos mais importantes da cultura lusa. Às refeições sempre se apresenta a jarra com vinho. Os vinhos mais famosos são o do porto que se toma em um cálice no final das refeições ou com o qual se recebe uma visita. Há também o vinho verde. O primeiro tem um sabor adocicado e seu teor alcoólico é mais elevado, entre 19 e 22%. O vinho verde é mais leve e tem agradável sabor refrescante com teor alcoólico mais baixo. Desde o tempo do Marques de Pombal, cujas videiras ainda são cultivadas na região do Porto, onde também são encontrados os vinhos brancos, tintos e rosés. Isso porque na região dessa produção há uma diversidade de uvas usadas na fabricação desses saborosos vinhos.

Outra tradição é o bacalhau amplamente presente na culinária do país. Portugal é o país que mais consome bacalhau. Essa tradição de consumo surgiu em meio a uma crise no país quando as navegações não tinham acesso ao alimento fresco e não podiam armazenar. A solução foi salgar os peixes para que se mantivessem conservados e aptos para o consumo, independente do tempo que passasse. Esse não é um peixe específico e deles a origem portuguesa foi a conservação.

Os pasteis de Belém, consumo turístico obrigatório para quem visita Portugal.

Outro aspecto muito forte e popular entre as tradições são os trabalhos artesanais e artísticos. É a terceira técnica de bordado colorido usando até fios de ouro e prata das joalherias que também são famosas, a ponto de, em Lisboa, haver as ruas do Ouro e da Prata.

Há também peças de artesanato produzidas com cortiça como rolhas de vinho. Cada região tem uma tradição específica e o símbolo maior em todo país é o galo de Barcelos e Alcobaça, a região famosa pela cerâmica colorida com forte domínio do azul e a História de seus reis.

Há muito mais para se falar. O fado e sua simbologia na música cantada por famosas cantoras desde a Severa da Mouraria à Amália Rodrigues, a eterna fadista, mas vou me deter agora no que de fato me propus a escrever: as festas.

Muito popular entre suas gentes e mesmo entre os turistas, as festas portuguesas são muitas e famosas no Brasil por terem vindo no processo da imigração.

Sob o manto da religiosidade cristã as romarias e outras festividades levam milhares de pessoa às ruas, seja no interior, nas regiões de aldeias ou mesmo nas cidades grandes para celebrar e homenagear os santos e suas histórias. A religião une as pessoas em Portugal. Lembro-me da Virgem de Fátima e seus três pastorinhos. Neste artigo vou me deter nas festas de junho, sobretudo a de São João, que me deixaram as memórias da minha infância.

Sabemos da Festa do Castanheiro, da Flor, da Feira de Santiago, a do Senhor Santo Cristo, a de São Gonçálinho etc., apenas para citar as mais famosas, mas sem a preocupação de nos determos nas suas historicidades.

De acordo com o título do artigo voltemos ao início dessa narrativa, que foi na realidade a pequena apresentação feita por nós na ocasião das atividades do CERU.<sup>3</sup>

Na esfera das lembranças minha mãe sempre manteve as tradições portuguesas. Do pequeno núcleo em que vieram irmãos e cunhados, ela, o marido e a filha, foi ela que sempre retornou para realizar alguma atividade comercial e abraçar os pais e familiares na pequenina aldeia Vilar Formoso. Trazia na volta os olhinhos brilhando e a certeza de que voltariam a residir nesse local. Sonho que não se realizou, mas todos foram felizes nesta terra que os acolheu e lhes deu condições de sobreviver, criar e formar os filhos, o grande empreendimento do meu pai.

Muito religiosa ia sempre à missa no dia 13 de cada mês, para rezar à Nossa Senhora de Fátima, na cerimônia do período da tarde que os padres da Igreja da Av. Dr. Arnaldo ainda mantêm.

Como meu pai tinha o nome de João, ela sempre, enquanto pôde, organizava a festa do Santo para os familiares e amigos. Era uma alegria generalizada que todos apreciavam e que se depositou na memória de cada um. Era uma festa portuguesa com certeza.

Essas festas são comemorações que ocorrem durante o mês de junho no Brasil. Nesse período se comemoram três santos populares: Santo Antônio, São João e São Pedro. A origem dessas festas é pagã, portanto, contraria a doutrina cristã, porque elas homenageiam os deuses da natureza, da fertilidade e da fortuna, nas safras, quando se iniciavam as colheitas. A popularidade dessas festas era muito grande e o tempo de seu início datava de centenas de anos. A Igreja Católica vai cooptá-lo e atribuir-lhe um caráter religioso.

---

<sup>3</sup> CERU é o Centro de Estudos Rurais e Urbanos, da Universidade de São Paulo, fundado pela saudosa socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz.

Tradicionalmente elas começam no dia 12 de junho, véspera do dia 13, dia atribuído a Santo Antonio quando a Igreja distribui o pãozinho.

Hoje o comércio comemora o dia 12 como o Dia dos Namorados e é atribuído a Santo Antônio a benesse de ser o santo casamenteiro. Nasceu em Lisboa, Portugal, e faleceu em Pádua, na Itália. Encerram-se as festividades no dia 29 de junho, dia de São Pedro, santo que foi discípulo de Jesus e foi escolhido para fundar a Igreja Católica, hoje Vaticano, na Itália. São Pedro é considerado o primeiro Papa da Igreja e foi martirizado em 29 de junho. São João, que minha mãe sempre homenageou, é muito popular nas aldeias portuguesas, pois tiveram muitos reis com esse nome, os quais construíram capelas em nome do Santo. D. João VI, o monarca que uniu as coroas da metrópole e da colônia e que realizou grandes feitos no Rio de Janeiro, é um exemplo, muito embora existam outros com esse nome nas dinastias de Aviz e Bragança.

Essas festas foram trazidas pelos portugueses durante o processo dos deslocamentos imigratórios.

No Brasil sofreram influência de culturas de outros povos, os africanos que aqui entraram trazidos de forma desumana como escravos e as culturas de várias comunidades indígenas. Sendo assim, essas festividades possuem características peculiares em cada parte do Brasil.

Essa variedade de tradição que acompanha os principais atributos dessas festas incluem as danças típicas, as comidas, os balões, as bandeirinhas, a fogueira, as brincadeiras e as roupas.

Tentarei neste artigo escrever a história dessas comemorações no âmbito do Brasil, trazendo-as para o início de minhas memórias de infância, tão ricas para mim pelo seu significado em uma família de imigrantes que se divertiam em uma festa, que os levava em pensamento à aldeia de onde saíram.

A lenha para a fogueira era amealhada durante semanas e a madeira a ser queimada devia fazer uma chama maior que a do vizinho de rua e que durasse toda a madrugada, pois no seu borralho final era onde se coziavam as batas-doces e as espigas de milho.



**Figura 2 Fogueira de Festa Junina**

O milho, que viajou a Europa nas naus de Colombo e na Europa, por razões climáticas, se deu muito bem, sempre foi alimento importante nessas comemorações e por essa razão muitas comidas são feitas com ele, como a pipoca, a paçoca, a canjica, o pé de moleque, a pamonha, o curau, o bolo de milho. Tudo isso estava presente na solenidade da festa de dona Josepha, onde a família levava sua colaboração. Havia também e eram muito apreciados o arroz doce, o cuscuz, a tapioca e o pinhão. Eta! Festa de arromba.

Tudo isso era disposto em uma enorme mesa que durante o ano servia para o divertimento do ping-pong. A toalha branca bordada não podia faltar e as bebidas tradicionais eram o quentão, muito bem-preparado, e o vinho quente.

As ruas sem calçamento ajudavam nesse dia pois não havia fios de luz que pudessem atrapalhar a altura da fogueira, que se saltava para dar sorte quando já estava bem menor. Alguns, mais ousados, a pisavam sem os sapatos. Eram aplaudidos e o Santo os ajudava a não se queimarem. O mastro com a imagem do santo que carregava uma ovelhinha e que era saudado com as bombinhas que eram atiradas na fogueira, os rojões e o busca-pé que os rapazes soltavam para assustar as jovens donzelas que fugiam e riam muito. Dançava-se ao redor da fogueira. Não era o forró, hoje muito dançado e não havia a quadrilha hoje travestisada pelo casamento de um casal e de um delegado que obrigava o padre a casar os jovens. Essa quadrilha nos dias de hoje é o ponto alto das festas nos colégios e nas célebres festas do Nordeste brasileiro.

Essa dança teve sua origem nos salões das cortes francesas onde mulheres e homens da corte usavam suas melhores roupas. As festas hoje têm outro ritmo, mas é enfim um bailado de casais que, sob o som de uma música de sanfoneiros e de alguém que chama para determinadas posturas nessa dança, que exige uma vestimenta típica caipira dos casais, roupa que já não faz parte do cotidiano das pessoas. Uma coreografia de casamento caipira é feita em todas as homenagens, simbolizando o fato de Santo Antonio ser o santo casamenteiro.

Os balões, na “nossa” festa, eram bem usados, mas hoje, embora tradicionais, são proibidos, sofrendo restrições por questão de segurança e proteção contra incêndios. Tanto os balões como a fogueira fazem parte das antigas tradições e representam o início das comemorações e a fogueira de origem pagã simboliza a proteção contra os maus espíritos. A tradição, ainda atualmente, se mantém através dos católicos que até estabeleceram uma fogueira diferente para cada santo. A quadrada é de Santo Antonio, a triangular é de São Pedro e a redonda é de São João, o santo mais festejado. O nordestino que vem trabalhar em São Paulo, volta para sua terra apenas para festejar o São João e rever nessas festas os parentes e amigos. Depois voltam ao trabalho na capital paulistana.

Foi esse santo que nasceu no dia 24 de junho, filho de Santa Isabel, prima da Virgem Maria, mãe de Jesus que a visitou, quando ambas estavam grávidas. É o santo mais próximo de Jesus Cristo, que o batizou nas margens do Rio Jordão. Sua cabeça foi decepada e entregue a Salomé pelo Rei Herodes (Mateus 14:7), da qual era ela uma de suas dançarinas prediletas.

Claro que essas festas mudam muito de uma região para outra.

O mastro é enfeitado com fitas coloridas e esse costume vem da Idade Média, no hemisfério norte quando se comemorava a chegada do verão, no mês de junho – homenageando os deuses da natureza para uma colheita farta, sobretudo a cultura do milho, hoje ingrediente mais comum nas comidas típicas das festas juninas.

Tudo isso hoje assumiu uma característica política sendo a temática de mestrados e doutorados e de estudos de centros culturais nas Universidades.

Atualmente as prefeituras e os empresários se empenham em organizar grandes festas com pessoas de sua região ou turistas que vão atrás dessas festas pela publicidade organizada. A mais famosa é a de São João em Campina Grande na Paraíba. Saímos de uma confraternização familiar para uma festa com introdução político/religiosa, muito embora ainda mantenha as mesmas características, como as roupas da festa tipicamente caipiras, bem coloridas, com lindas saias bordadas com aplicações de rendas e estampas

coloridas de xadrez usadas pelos homens, as comidas, as danças, o mastro, as bandeirinhas etc.



**Figura 3 - Festa Junina dos dias atuais**

É uma festa popular que rende uma boa economia para as cidades, onde os políticos locais se encarregam, a cada ano, de apresentar uma festa maior que a outra.

Aqui em São Paulo, ela perdeu as características antigas, pois estamos em uma megalópole iluminada de suas calçadas onde não mais se permite a realização das festas iguais às da minha infância. Elas são realizadas modestamente em clubes e colégios, em lugares fechados, onde tudo se adapta tecnologicamente com convites vendidos e prêmios chamativos para o sucesso das mesmas.

### **Referências Bibliográficas**

BARBOSA, R. Um Panorama Histórico Da Imigração Portuguesa para o Brasil. *Arquipélago • HISTÓRIA*, 2ª série, VII, p. 173-196, 2003.

BOSI, E. A Pesquisa em Memória Social. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 4, n 12, 1993.

FAUSTO, B. Fazer a América; Imigração em massa para a América Latina. São Paulo, Edusp, 1999.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 1992.